

ÉTICA, SEXUALIDADE E TRÁFICO DE SERES HUMANOS

Helena Theodoro¹

Introdução

Primeiramente queremos distinguir moral e ética. Para Paim (1992), moral é “o conjunto de regras de conduta admitidas em determinadas épocas, podendo ser, de igual modo, consideradas como absolutamente válidas.” O autor identifica a ética como consideração abstrata sobre a moral.

61

Quando refletimos sobre a questão da moral sexual, podemos abordá-la do ponto de vista social, do comportamento sexual para todos os brasileiros, estabelecendo uma relação com os códigos de ética e com as expressões de repressão e transgressão da sexualidade, e não somente como um ponto de vista da perspectiva individual, como expressão do imperativo categórico da consciência.

Assim sendo, acompanhamos as reflexões de Muniz Sodré (1999), quando aponta alguns paradigmas éticos da sociedade brasileira que estigmatizam o negro, assimilando uma imagem sombria e desfavorável, que se incorpora às representações intelectualizadas, como a de Hegel, que afirma que ...” *os negros não têm moral, nem religião, nem instituições sociais e que por isso não podem chegar à ‘consciência de si’*”.

¹ Instituição : Mestrado em Sexologia – UGF
Endereço: Rua Manuel Vitorino, 575- Piedade- RJ
E-mail: [htheodoro @ aol.com](mailto:htheodoro@aol.com)

Temos, assim, a reprodução ideológica, sem qualquer fundamento antropológico, de uma tradição de clichês formadores de identidade, já presentes em Kant. Especulações dessa natureza são reproduzidas em instituições que regulam a ética da vida social, como a escola e a Igreja. Mostra, a História, que o racismo floresce no âmbito de ideologias nacionalistas, além de implicar uma filosofia que tem a ver com o cerne cristão e imperial da cultura do Ocidente. O racismo promove desigualdades sociais, além de estabelecer uma ideologia de hegemonia de um grupo sobre o outro, criando um princípio universalista de verdade, que define o mundo do ponto de vista do dominador.

Elisa Larkin Nascimento (2003) situa o feminismo e os movimentos de identidade sexual como uma luta contra a dominação hegemônica, onde buscam defender seus espaços mais imediatos, isto é, seus corpos. O corpo passa a constituir um campo de afirmação de identidade e resistência. A hegemonia ocidental, invisível e emudecida, impera nos padrões culturais e infiltra-se na construção dos indivíduos.

Assim, os efeitos psicológicos de inferiorização da mulher, no imaginário coletivo, apresentam formas de representações sociais do feminino, reproduzindo preconceitos e estereótipos negativos, internalizados desde a primeira infância, por uma educação escolar e infantil plena da ideologia do patriarcado, capaz de inibir o desenvolvimento da autoestima, da personalidade e da autonomia da mulher enquanto indivíduo.

Afirma Muniz Sodré (1999:54)

A moderna cultura ocidental (...) dá-se a partir de um ordenamento espacial centrado na Europa. Desta maneira, o "ser humano universal", criado a partir da concepção cultural que refletia as realidades do universo burguês europeu, gerava necessariamente um "inumano universal", a outra face da moeda, capaz de abrigar todos os qualificativos referentes a um "não-homem": bárbaros, negros, selvagens.

Se o humanismo universalista coloca, como antagônico ao ser humano, um “não-humano” bárbaro, negro, selvagem, também lhe opõe o “não-homem”: a mulher. O masculino contrapõe-se ao feminino, estabelecendo o universal humano como sendo **masculino e branco**.

No Brasil, as teorias de Lombroso, situando o negro como criminoso nato e como degenerado, adotadas por Nina Rodrigues e depois por Gilberto Freire, levou à prática da busca do “embranquecimento” e ao ditado popular: “*mulher negra é para trabalhar, mulata para fornicar e branca para casar.*” O Estado brasileiro traz estrangeiros para “melhorar a raça” e promove uma imagem idealizada da Europa. Os turistas estrangeiros chegam em busca de aventura com mulheres brasileiras, que conheceram através de propaganda.

No Brasil, o principal símbolo de propaganda turística é a mulher. Sua imagem está presente na grande maioria dos cartazes e catálogos. As empresas estatais, responsáveis pela divulgação do Brasil no exterior, usam a imagem de mulher, em sua maioria mulatas ou negras, vestidas em trajes sumários, roupas típicas e até nuas. Encontramos esta prática em cartazes, folders e catálogos da Embratur, havendo uma verdadeira indústria desse tipo de material publicitário, além de vídeos, que são mostrados aos interessados, mesmo quando ainda em seus países de origem.

As mulheres brasileiras têm a ingenuidade de acreditar que todo europeu procura, nas brasileiras, a beleza exótica e tropical de peles morenas e bronzeadas, ou a sensualidade dos movimentos rítmicos do samba. Este tipo de pensamento ignora um componente sem o qual é impossível ter uma visão real do comportamento europeu em relação às estrangeiras: o racismo.

O Brasil passou a fazer parte do mapa do turismo sexual por volta dos anos oitenta, quando o mercado asiático começou a saturar e os países da América Latina tornaram-se os destinos mais procurados por europeus e japoneses. A década de noventa consolida o Nordeste brasileiro como paraíso do turismo sexual e dos casamentos interculturais. As rotas

preferenciais incluem Natal, Fortaleza, Recife e Salvador, além de quase todo o litoral da região. É um comércio organizado, que reúne taxistas, donos de barracas de praia, hotéis, pousadas, agências de turismo e agenciadores de mulheres. Esse turismo traz pessoas que viajam basicamente para realizar suas fantasias sexuais, ou até sádicas, com mulheres e crianças.

O turista do sexo vem em busca de uma relação sem compromisso. Procura alguém que possa servi-lo sexualmente e que faça o papel de companheira, ao mesmo tempo. Estas acompanhantes também desenvolvem uma expectativa em relação ao cliente estrangeiro, já que, ao conhecê-lo, projetam a possibilidade de ascensão e *status* que corresponde à idéia de sair do país, pois encontrou o “príncipe encantado” vindo da Europa. Detecta-se, então, que a partir do momento em que se estabelece uma relação de “amor”, desaparece qualquer tipo de componente que venha a caracterizar a prostituição e todas as suas implicações, pois os clientes passam a ser “noivos”. A partir daí, as mulheres não usam mais a camisinha, ficando vulneráveis a qualquer tipo de DST ou AIDS. Já não existe pagamento, somente os presentes, almoços, jantares e a promessa de casamento.

Segundo pesquisa do Projeto Chame/Neim da UFBA, os turistas vindo das diversas partes da Europa, na sua maioria, são louros, tendo entre 35/60anos e exercem profissões como: motorista de caminhão, pedreiro, profissional liberal etc. Gastam pouco dinheiro no Brasil e, mesmo assim, superam em muito a renda das mulheres e meninas por eles abordadas, que na sua grande maioria são negras, mestiças e jovens entre 18 e 30 anos.

Na verdade, a grande exploração está nesta relação: país do primeiro e país do terceiro mundo, já que não respeitam os direitos humanos, pois acreditam que, no “terceiro mundo”, tudo é permitido e que o Brasil é um país sem moral, sem limite. Apesar de, vez por outra, a imprensa nacional abordar o tema, há ainda um enorme déficit de informação na

sociedade brasileira sobre os mecanismos do tráfico internacional de mulheres do país e do turismo sexual.

Pesquisar e refletir sobre o tema, sugerindo políticas públicas de enfrentamento e combate ao tráfico de seres humanos e ao turismo sexual é a nossa proposta.

Metodologia

A pesquisa em andamento tem uma linha investigativa estratégica, que visa a fomentar a participação social e orientar ações preventivas. Esta proposta constitui-se numa pesquisa-ação que, em seu desenvolvimento, procura evidenciar os problemas públicos a serem enfrentados, apresentando, às instâncias competentes, sua compreensão e, ao mesmo tempo, propicia a elaboração de subsídios e diretrizes voltados para a correção, formulação e implementação de políticas voltadas ao enfrentamento da situação evidenciada pelos segmentos estudados. O Mestrado em Sexologia aliou-se ao Comitê de Enfrentamento e Combate ao Tráfico de Seres Humanos do RJ, coordenado pela SEDHU- Secretaria Estadual de Direitos Humanos, dentro do Programa Nacional de Prevenção e Repressão ao Tráfico de Seres Humanos do Ministério da Justiça.

A coleta de dados segue os parâmetros teóricos e metodológicos do projeto nacional, coordenado internacionalmente pelo Instituto Internacional de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da Universidade De Paul de Chicago, pelo Programa de Direitos Humanos da OEA , pelo CECRIA – Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes, e pelo ILADH –Instituto Latino Americano de Direitos Humanos.

Resultados

A pesquisa bibliográfica e jornalística, em andamento, levou-nos ao Relatório da Universidade do Grande Rio (Pestraf/RJ), no qual a

pesquisadora Ebe Campinha dos Santos apresenta resultados colhidos até março de 2002, tendo constatado a existência de tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins sexuais, no Rio de Janeiro. Tal constatação nos levou até a lei vigente no ordenamento jurídico brasileiro, que contém limitações no enfrentamento ao tráfico, pelas dimensões que este assumiu e pelas redes nacional e internacional que o mantêm.

Segundo as pesquisas feitas, Nova Iguaçu e Belford Roxo, ambos situados na Baixada Fluminense, assim como Copacabana, na Zona Sul da cidade, são os principais pontos de origem para o tráfico de mulheres crianças e adolescentes para Portugal, Suíça, Espanha, Itália, Bélgica e Estados Unidos.

A construção de um banco de dados e a proposta de ações preventivas junto às comunidades, levando informação e propondo ações conjuntas, é nossa proposta até dezembro de 2004, em parceria com a Secretaria Estadual de Direitos Humanos e o CEDIM-Conselho Estadual dos Direitos da Mulher.

Conclusões

A identificação das ações que caracterizam o tráfico para fins sexuais nem sempre é fácil, visto que não acontece de forma isolada. Há uma relação estreita com prostituição, turismo sexual, pedofilia e pornografia, além de situações de casamento, de estupro, de desaparecimento e de imigração.

Por outro lado, envolve processos relacionados com produção e poder, que surgem mistificados pela oferta de “altos ganhos” e melhores perspectivas de vida. Muitas mulheres vão para o exterior sem ter noção do risco que correm, por não contarem com nenhum respaldo jurídico do país para o qual irão, ficando vulneráveis e à mercê da sorte, acerca do que lhes possa acontecer.

Acreditamos que se faz necessário um trabalho de enfrentamento, com campanhas específicas e com a implantação de Centros de Referência e de Atendimento para proteção e resgate da dignidade das vítimas.

Referências Bibliográficas

- ARAUJO, M.L.M. *Sexo e moralidade: o prazer como transgressão no pensamento católico*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1997.
- CORTINA, A. *Ética mínima: introducción a la filosofía práctica*. 2ª edição, Madrid: Tecnos, 1989.
- HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. (Tradução de G. de Almeida). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- NASCIMENTO, E.L. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo : Summus, 2003.
- OLIVEIRA VIANNA, F.J. *Populações meridionais do Brasil e Instituições Políticas Brasileiras*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982.
- PAIM, A. (organizador) *Pombal na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Associação Brasil-Portugal, s/d
- *Modelos éticos: introdução ao estudo da moral*. São Paulo: Ibrasa/ Curitiba: Champagnat, 1992.
- SCHWARTZMAN, S. *Bases do autoritarismo brasileiro*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Campus, 1982.
- SODRÉ, M. *Claros e escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.